



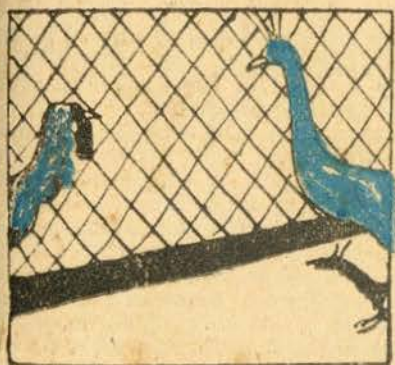
Director literario:
Acquedotes
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

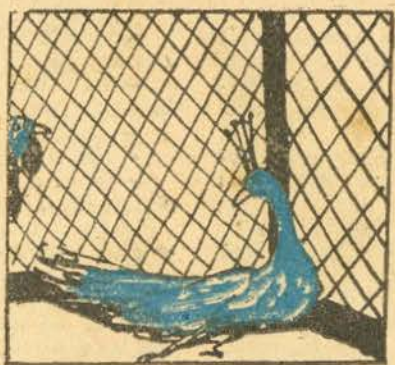
O SECULO

Director artistico:
Edwards
PAPUSSE

PERÚ-VELHO



o entrar na capoeira,
erto perú-velho, um dia
u lá dentro, prazenteira,
re que não conhecia.



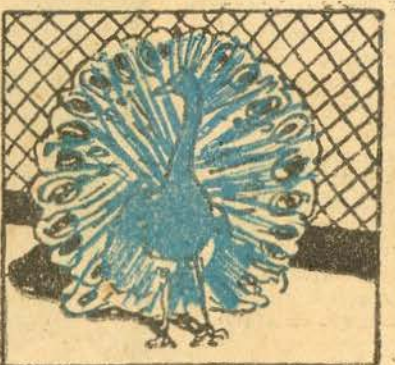
Ave, embora bem vulgar,
Pois que não era avis-rara:
— Um pavão, que a dormitar,
Num cantinho se agachara.



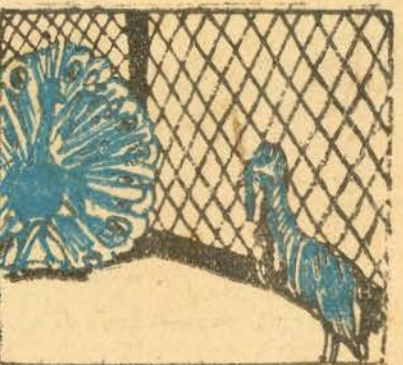
Abrindo a cauda num leque,
Ao vê-lo, o velho perú
Pôs-se, num salamaleque,
Desdenhando: — «glú-glú-glú!...»



dizia presumido:
«Quem como eu lindo é,
ão devia estar metido
m outras aves ao pé!»



Nisto o pavão abre a cauda,
Ouvindo o tólo glú-glú...
E pronto... acabou-se a lauda
Do presumido perú.



— (Ninguém do vizinho seu
Troce, sem o conhecer,
Pois lhe pode suceder
O que ao perú sucedeu!) —



QUERER é PODER

Por MARIA LEONOR LIMA BRANDES

:: :: Desenhos de EDUARDO MALTA :: ::



ERA uma vez um homem baixinho, gordo e de bigode retorcido, cabelo negro de azevi- che, muito bem cuidado. O «Senhor Gregório» era um homem inteligente, empreen- dedor e sonhava com castelos no ar.

O povo do lugar dizia: — «Senhor Gregório», você ainda ha-de vir a ser rei des- te pequeno povo. Ficava mui- to contente quando lhe diziam estas coisas e pensava, então,

em ser qualquer coisa mais que «Senhor Gregório». Como tinha grande força de vontade e era persistente, tudo con- seguia.

O princípio da sua vida foi vender queijadas fabricadas por ele próprio. O fabrico era manual mas obra boa, pelo que a «enda foi aumentando, aumentando até que comprou uma casa pequenina e um burrinho.

A casa tinha quintal, o quintal tinha seu pôço, o pôço tinha nora, a nora gemia e o «Senhor Gregório» dizia:

— «Já tenho casa com quintal e tenho um pôço com no- ra, que mais me falta agora?»

O povo do lugar, um dia reuniu numa eira e tornou-se independente. Nomearam presidente e seus ministros e ao lugar mudou-se o nome que tinha, e ficou sendo: «Estado Independente de Penaferrim». Mas o «Senhor Gregório» foi esquecido, ficou sem pasta, o que ele não podia perdoar e tinha razão por ser a pessoa mais competente.

— «Não se lembraram de mim, ora esta?! — exclamava o senhor Gregório, muito indignado. — Mas, deixá-los, eu me vingarei. Querer é poder. Ainda hei-de ser rei dum pe- queno castelo, monologava ele, ao pé do seu burrinho, que puxava à nora, que tirava a água, que regava as couves para fazer caldo, numa panelinha, para a barriguinha. E assim a pensar em castelos no ar, ao «Senhor Gregório», se lhe foi branqueando o cabelo que outr'ora fóra negro de azevi- che.

Uma vez, sentado na cadeira do seu barbeiro, reparou nans cabelos brancos, no seu lindo bigode. Deu tal salto na cadeira que quasi bateu com a cabeça no teto. (O teto era baixinho).

— «David, David, depressa, vem cá, — gritou o «Senhor Gregório», aflitissimo.

— Que foi «Senhor Gregório»? — disse o David barbeiro com a graça que lhe é familiar.

— Lá estás tu a brincar!... São os malditos cabelos brancos que me apareceram no bigode...

— Ah! Isso é coisa muito séria, — respondeu o David.

— Ele era negro, tão bonito!

— Deixe lá «Senhor Gregório... não se apoquente; eu arranjo-lhe aí um elixir que o faz ficar preto como dantes.

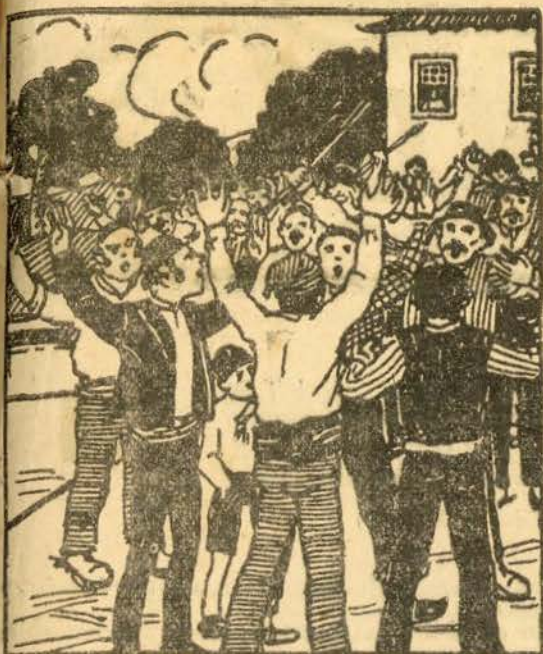
— Deixa-te de elixires, pega na tesoura e corta-mo rente, — disse o «Senhor Gregório», quasi a chorar.

O David cortou-lhe o bigode, para o «Senhor Gregório» parecer mais novo. Bigode que ele meteu dentro de uma caixinha de ébano encrostada em madreperola, caixinha que mandou fazer ao senhor Joaquim Ramos que era o me- lhor artista daquele tempo.

O «Senhor Gregório», volta e meia vai à sua «toilette»



a caixinha, abre-a com muito cuidado e põe-se em frente do espelho, colocando o bigode no lábio superior e contemplando-se, diz com ar de tristeza:
— «Como eu fui e como estou!...»



Os curiosos, impacientes por não verem o lagarto, já rogavam pragas ao «Senhor Gregório» que os tranquilizava logo, dizendo: — «Talvez o vejamos amanhã, ele nem todos os dias sai da toca». E assim esperançados de verem o lagarto, lá iam afluindo todos os dias e o «Senhor Gregório» não se incomodava muito com isso, pois as queijadas iam-se vendendo todas quantas se fabricavam e o seu cofre enchendo-se de notas do Banco de Portugal. Em casa do «Senhor Gregório» trabalha-se de dia e de noite, tal era a saída do seu produto.

Por fim, claro, desistiram de ir ver o lagarto mas o «Senhor Gregório» ficou rico. Comprou o tal terreno lá em cima, na Serra, e mandou construir o seu pequeno castelo que se vê cá de baixo com as suas ameias. Vendeu o burrinho e mandou fazer pelo Senhor Joaquim Ramos um lindo e rico carrinho em espelhos de cristal de *Bacarrath*, carrinho que é puxado por um bódezinho muito bonito. E' nesse carrinho que ele hoje vende as suas finíssimas queijadas, lá em baixo na Vila. O «Senhor Gregório» levou o seu lindo carrinho a uma exposição internacional aonde obteve uma rica medalha de ouro com menção honrosa.

Os meus lindos meninos não devem deixar de visitar a fábrica do «Senhor Gregório». E' toda movida a electricidade. Os seus exquisitos maquinismos são muito engraçados nos seus movimentos. Vieram já do estrangeiro muitas escolas de meninos visitar a fábrica e os professores deram o tempo



por bem empregado por verem os inventos do «Senhor Gregório».

Meus meninos, sejam estudiosos, tenham força de vontade que tudo conseguirão,
«Querer é poder».

F I M

BIBLIOTECA PIM-PAM-PUM

COLECCAO DE LIVROS PARA CRIANÇAS, MELHOR E MAIS BARATA

BREVEMENTE

AVENTURAS COMICAS

POR

PÁPIM, PÁPUSSE & C.

OS PALHAÇOS

NOVELA INFANTIL

POR

AUGUSTO DE SANTA-RITA

DESENHOS DE EDUARDO MALTA

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)



O momento em que Rosa, Pedro e Paulo se aproximavam de casa, o sino do relógio da ermida da aldeia, soava doze badaladas. Meio dia! Os trabalhadores largavam o trabalho para o descanso da sesta.

Clara, ao portão do jardimzinho de Pedro, erguia nos braços o pequenino Paulito, numa toada, vivamente exclamando:

— «Olaré, tem-tem!...
Lá vem a mãezinha,
Ai lá vem, lá vem!
Olaré, tem-tem...
Lá vem o paizinho
Ao lado da mãe!»

Assim que Rosinha avistou o seu querido bebé ao colo de Clara, deu uma corridinha ao seu encontro, enchendo-o todo de beijos.

«Então, gostou do passeio?!» — perguntou Clara sorrindo para o irmão de Pedro.

— «Muito, Clara, deixe-me tratá-la assim, como está tudo mudado!»

— «Vem ser nosso hóspede?»

— «Só até amanhã — (continuou Paulo) — com muita pena minha de não poder ser mais tempo. Tenho que fazer em Lisboa».

E a conversa prosseguiu, sentados já em cadeirinhas de palha, à porta de casa, até que Rosa veio anunciar:

— O almoço está na mesa.

A salinha de jantar de Rosa e Pedro, pouco mais tinha que quatro metros quadrados. Modestamente mobiliada, embora nada lhe faltasse, era, contudo muito clara e risonha. Uma janela aberta deitando para um mar de trigo, em cujo parapeito, ao sol, um tareco dormia, e entre cujos umbrais um pintassilgo cantava numa gaiola dourada. Respirava-se alegria e saúde. Sobre a toalha, muito branquinha e cheirosa, talheres com cabos de madeira, copos de vidro e pratos com uma lista muito vermelha em volta. Uma jarra com malva-rosa, pão de milho, manteiga e queijinhos frescos, uma garrafa bojuda de vidro, com vinho branco, e uma bilha de barro com água tão fresquinha que até humedecia a parte exterior da bilha. Ao meio, uma fruteira cheia de

maças camoezas, córadinhas, laranjas muito douradas, tangerinas e alperches.

O céu muito azul, para lá da janela, amaciava a alvura das paredes caiadas, como uma bênção de Deus.

Rosa, Pedro, Clara e Paulo, sentaram-se. Uma velhinha muito simpática, com bandós grisalhos, começou a servir. E, durante todo o almoço, a conversa correu cheia de animação.

Porém, à sobremesa, Pedro não se conteve mais que não dissesse a Paulito:

Confessaste-me há pouco que eras palhaço. Desculpa, meu querido irmão, mas não te parece que ser palhaço é uma profissão muito feia?! Ora tu possues, por direito de herança, metade dos bens que eu administro. Não precisavas de ganhar a tua vida a fazer rir os outros. Deixa de ser palhaço e vem viver connosco!»

Entanto, Clara insurgiu-se: — «Então que tem lá isso? Paulo é um artista! É uma arte como outra qualquer! Divertir as crianças!... Há lá missão mais bonita!...»



Paulo sorriu para Clara que levemente corou, baixando os olhos, e murmurou com ternura:

— «Muito obrigado, Clara, pela justiça que faz ao meu ingrato ofício. Todavia o Pedro tem razão. Não falou por ele, falou por toda a gente, e a Clara falou por si que é diferente dos outros. Mas os outros só pensam assim quando me não dão palmas. E eu não posso passar sem as palmas dos outros, porque sinto que eles, nesse momento, pensam por si e não pelos outros, o que me causa uma enorme alegria!»

Pedro e Rosa não perceberam bem o que ele queria dizer; só Clara o percebeu, sem mesmo se aperceber de que o havia entendido. — (Isto é um pouco complicado para os meninos mas passem a diante que há-de gostar do resto) —

Terminado o almoço, vieram sentar-se em cadeirinhas de palha à portinha de casa e onde, à fresca e perfumada sombra de uma lúcia-lima, prosseguiu a conversa em franca e descuidada troca de impressões.

Rosalina, a simpática serva dos bandós grisalhos, a pedido de Paulo, cheio de sede, trouxe uma limonada.

— «Que santa vida a tua, Pedro! — (murmurou Paulo segurando o copo) — Tens tudo que é necessário para ser-se feliz! Saúde, Amor, um filho, um lar, a paz do campo e uma velhinha adorável — boa criada e ainda melhor amiga!»

— «Se não tem a mesma felicidade é apenas porque não quere!» objectou Rosa.

— «E' a minha vida, a minha profissão que o não permite.»

Então, Rosalina que não ouvira a última parte da con-

versa à meza, perguntou, entretanto, cheia de interesse simpática:

— «Desculpe o atrevimento, meu senhor; mas qual vez a ser, então, a vida do senhor Paulo?»

— «Palhaço, Rosalina; sou palhaço!»

— «Credo!... — (exclamou Rosalina) — sempre o senhor Paulo é muito brincalhão!»

— «E' certo, Rosalina — (atendeu Pedro) — Não achas que devia mudar de vida??»

— «Oh, decerto; — (rematou a velhinha, acrescentando uma expressão mixto de past e dó:)

Até me custa a crer. Me empregado!»

A' tarde, pouco antes de bater das Trindades, o senhor padre Brito veio cumprimentar o seu amiguinho Pedro, com quem ele lhe chamava.

Ao ver Paulito, como tivesse a vista já um pouco cansado, perguntou quem era. Mas, não, Paulo, abraçando-o, exclamou com grande contentamento: — «Oh, senhor padre Brito, pois já se não lembra do grande traquinado que, ao dar calbalhotas na eira, o fazia brincar-se?!»

— «Paulito!... — (murmurou o reverendo velhinho, abraçando-o, muito comovido limpando uma lágrima a grande lenço vermelho) — (não há!... quem diria?!...)

E ficaram a conversar por largo tempo. Mas, quando souberam que Paulo era palhaço, não se conteve, também, que não dissesse, juntando as mãos e erguendo os olhos ao céu: — «Meu filho, que Deus te inspire e te faça mudar de profissão!...»

Paulo começava a revoltar-se contra a injustiça que



...faziam à sua Arte e, assim que padre Brito se retirou, ficou numa grande tristeza.

Num dado momento em que Rosa adormecia no quarto seu menino e Pedro se afastara a dar umas ordens, Clara viu surpreender Paulito só, à portinha de casa, pensativo triste.

— «Em que pensa, Paulo?!» perguntou-lhe ela, então, rapidamente.

— «Em que sou um palhaço!» — (respondeu Paulo) — «Não mereço a consideração de ninguém!»

— «Não diga isso, Paulo! Exagera! Se eu até gostaria-me casar com um palhaço!» — (insistiu Clara, tornando a falar-lhe com suavidade.) — «Que orgulho eu teria de o ver dar cambalhotas entre as palmas e os risos das crianças!»

— «Mas engana-se, Clara; eu já não dou cambalhotas, não sou saltimbanco. Invento ditos de espirito e tocamentos vários. Há-de ir ouvir-me, depois de amanhã, Coliseu dos Recreios. Eu peço à Rosa e ao Pedro que me acompanhem.

Depois do jantar, Paulo foi buscar a sua malinha de oboe, tirou de dentro um pequenino violino e pôs-se a tocar. Quando terminou, Pedro e Rosa deram muitas palmas. Clara limitou-se a exclamar, com lágrimas nos olhos: — «Oh, mas que lindo, Paulo!...»

E, ao soar a meia noite no pequenino relógio da salinha de estarem, foram-se deitar.

Paulito no seu quarto — o quarto que Pedro e Rosa haviam reservado, prevenido o caso de Paulo, um dia, vir a aparecer como afinal succedeu, dizia consigo mesmo: — «as vontades do mundo dá!...»

Pedro e Rosa dormiram toda a noite. Clara acordou, algumas horas, cuidando ouvir um violino... mas, afinal... não ouviu nada!

No dia seguinte, hóspedes de Paulo, no hotel de Inglaterra, Pedro, Rosa e Clara chegaram a Lisboa, a fim de irem assistir, no dia imediato, à grande estreia do palhaço Lito no Coliseu dos Recreios.

Por acaso, capricho do Destino, ou coincidência, nesse mesmo dia, apeando-se dum automóvel de praça, D. Jorge, o pai de Lena, marcou dois quartos no mesmo hotel em que Paulo, Pedro, Rosa e Clara se haviam hospedado. Reservados os dois quartos melhores do hotel, enfiou de novo pela portinhola do carro que alugara e mandou seguir para a estação dos vapores no Terreiro do Paço, em cujo cais embarcou em direcção ao Seixal.

Ao desembarcar, finalmente, na outra banda do Tejo, um outro automóvel, mas este particular, o aguardava agora no largo da estação.

Era um automóvel aberto, azul escuro, espaçoso e comprido, forrado de coiro negro, com fechos, faróis e «parabrisse» em prata. «Chauffeur» e trintanário fardados de preto, com golas e punhos vermelhos, botas altas, «bonets» e luvas brancas. Dentro Luiza e Lena, — (a Nucha de outra, que era presentemente uma senhora, vinte anos repletos de formosura e de graça) — vestidas com grande luxo mas, ao mesmo tempo, elegante simplicidade.

Jorge entrou para o carro, beijou Luiza e Lena, ao mesmo tempo que o «chauffeur» e o trintanário saltando para a almofada, se cobriam, e o carro deslizou sem ruído, rápido, sereno, a caminho de casa.

— «Então, paizinho, fizesse-me a vontade?» perguntou Magdalena, mal o carro se pôs em movimento.

— «Sim, minha Lena, fiz. Amanhã por estas horas já deveremos estar no hotel de Inglaterra.

CONTINÚA NO
PRÓXIMO
NÚMERO

A DIVINHAS

ANEDÓTA ILUSTRADA

Formar os nomes de 12 terras portuguesas!

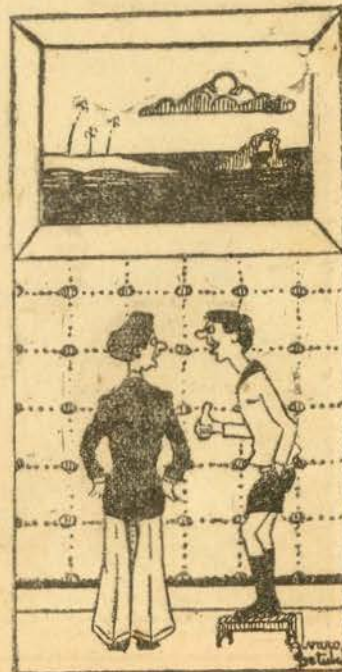
	P	•••••
•••••	A	•••••
•••••	P	•••••
•••••	A	•••••
•••••	G	•••••
•••••	A	•••••
•••••	I	•••••
•••••	O	•••••
•••••	A	•••••
•••••	Z	•••••
•••••	U	•••••
•••••	L	•••••

Mario M. Palma,

Decifrações das adivinhas do n.º 50:

- Corvo, pisco, gavião, milhafre, gaio, pelicano, perito, mocho, papatigo, gralha, melro, pato, cuco, marabú, ota, codorniz, pavão, canário.
- Antonio, Inácio, Carlos, Pedro, Abilio, Julio, Lucia, Augusto.

— Quando pintaram este quadro, os pretos tinham tomado banho...
— Como sabes tu isso?
— Porque a água está muito escura...





Chico Arnaldo foi p'rá Africa

Por GRACIETTE BRANCO
Desenhos de Eduardo Malta

PARTIU com sua Mãezinha...
Mas seus receios secretos,
são que «o diacho» dos pretos,
o vão comer à caminha!...

«... Ora esta! Ora esta!...
Se não fôsse isso — que festa,
ir no vapôr, pelo Mar!...
— E inda antes de lá chegar
ter que seguir, que marchar,
no comboio — pó-pó-pó...»

Ai! Mas a avó! Mas a avó!
que lá está só
a chorar!...»

— A' hora da despedida,
deu-lhe beijos; e em seguida,
estimulado,
guiado
por seus receios secretos,
segredou-lhe em branda fala:

— «Avòzinha: e se eu levasse,
no fundo da minha mala,
tinta branca, que pintasse,
as carantonhas dos pretos?!...»

F I M



Bébé escreve ao Avô

Por GRACIETTE BRANCO
; Desenho de ED. MALTA ;

QUERIDO avôzinho:
 Como está?
 Passou bem?
 O menino está bem,
 e a mamã e o papá
 também.
 Quando é que o avôzinho
 vem
 para cá?
 Eu tenho já
 muitas saudades suas...
 Tenho também
 duas
 cornetas! — Duas,
 oh! avô!!...
 Olhe! diga à avó,
 sim?
 Diga também
 que elas fazem assim:
 —Pó-pó-pó... Pó-pó-pó!...
 — Olhe! sabe, avôzinho?
 O Tareco
 arrancou o nariz
 ao meu boneco!...
 Eu inda quiz,
 com geitinho,
 arranjá-lo,
 colá-lo...
 Mas a Lena,
 disse assim:
 — Olha que não vale a pena,
 Bébé!

Fia-te em mim...
 Tu escreves ao avô...
 Dizes que se passou
 esta desgraça...
 e verás,
 que não estás
 dois dias, até.
 sem que êle te faça
 o presente,
 d'outro boneco
 igual
 ao que papou
 o Tareco... —
 ... Afinal...
 fiquei contente...
 porque... emfim...
 ... sim...
 — Olha, olha, ó avô:
 quando escreveres à mamã,
 ou ao papá,
 vê lá... anh!...
 não lhes digas
 que te contei
 o que se passou
 com o Tareco!
 Vê lá... anh!...
 ... oh! avô!...
 — Tu mandas o boneco...
 ... que eu sei
 bem...
 mas não digas...
 não digas a ninguém,

quem
 te contou!...
 Vê lá, avô!...
 — Adeus. Agora vou
 brincar,
 para o jardim,
 com Nini.
 — E' verdade: já parti
 aquele motórzinho
 encarnadinho,
 que
 se punha a marchar
 quando o Menino lhe fazia assim:
 — Trrr-Trrr—Trrr...
 ... Fartei-me de chorar...
 Mas, — sabes? — o Bazar
 do Zé Costa,
 —aquele
 do pó-pó... —
 Tem um que é um encanto!...
 ... É o menino gosta
 Tanto dêle...
 ... Tanto!...
 — Adeus.
 Dá beijos meus,
 aí
 à avó,
 e saudades à Né.
 E para ti,
 um chi-coração,
 grandão,
 do Bébé. —»